



A Illustração Portuguesa
SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Joaquim Lima.—*Cancão*, versos, por Coelho de Carvalho.—*A campanha do Tonkin*, por Pinheiro Chagas.—*Estudos litterarios*, por D. Guiomar Torrezão.—*O Cerro de las campanas*, por Nautilus.—*A Malatinha*, conto, por José Maria da Costa.—*As nossas gravuras*.—*Em familia* (*Passatemp*).—*A rir*.—*Um conselho por semana*.—*Recordações historicas: Vesperas sicilianas*, por A. C. GRAVURAS:—*O marquez de Salisbury*.—*As creanças*.—*Abandonada!*—*Vista de Pietermaritzburg*.—*O hospital de Goréa*.

CHRONICA

Deus me perdõe, venho fazer a chronica. Venho, é verdade, mas sinto-me feliz porque não tenho assumpto. E' tão bom não fazer coisa nenhuma!

Sinceramente, o descanso é a unica delicia atravez da qual eu compreendo que valha a pena viver. O proprio Creador, se durante seis dias traba'hou, é porque antevia a suprema felicidade de descansar ao setimo. E mais, o Creador nunca fez chronicas!

Houve tempo, é certo, em que precisamente a falta de assumpto era um assumpto delicioso. Mas esse tempo vae longe, e eu estou no meu plenissimo direito, reduzindo a propor-



O MARQUEZ DE SALISBURY

ções infinitamente pequenas a analyse dos acontecimentos de uma semana em que nada aconteceu, que eu saiba.

De resto, confio muito em que ninguem me lerá. O mundo não é aqui; o mundo agora é em Cintra, onde ha já bastantes divertimentos para que ninguem careça da leitura, por muito amigo que seja de se aborrecer. Restam apenas em Lisboa umas cinquenta pessoas, mas essas, não sabem lêr.

E ainda bem que a emigração transformou a capital n'um verdadeiro deserto; ainda bem que a politica foi bocejar, despreocupada, á sombra dos arvoredos, porque só assim se comprehende a indifferença com que o paiz acceitou a temerosa dictadura, contra a qual, a principio, tinha jurado a mais sangrenta das revoltas. O ministerio não caiu. Nem sequer cambaleou ainda.

Nenhum dos ministros, que ainda assim são sete, e que podiam ser oito, se aquelle sr. Oliveira Martins fosse menos esquisito, nenhum dos ministros, repito, foi victima da plebe amotinada. A plebe não se moveu. Nem eu.

No Porto, sim! No Porto chegou a haver um *meeting*, logar commum de todos os partidos indignados, e cujo resultado é sempre egual a zero. Assistem vinte mil pessoas, nomeia-se uma commissão de tres ou quatro, e basta.

No *meeting* do Porto, usou por largo tempo da palavra o sr. Arroyo. Supponho que fallou em verso. Os portuenses ouviram serenamente o recitativo e adormeceram, ainda mais serenos, á espera da assustadora reforma. Querem gosar a reacção—um poema.

E, seriamente, que mal pode querer-se a um ministerio de tão bôa vontade e tão bonitos sentimentos, que em plena folha official nos presenteia com artigos de fundo appetitosos, atravez dos quaes nos mette pelos olhos dentro a necessidade e a urgencia de todos os seus actos?

E, a proposito da reforma administrativa, nem mesmo era preciso que o sr. José Luciano fizesse tanta e tão escolhida despeza de argumentos pesados. Quem duvida de que fosse *necessaria* e *urgente* a dictadura, sem a qual o partido progressista ia, de certo, perder as eleições?

Assim ganha-as; e que lhe faça muito bom proveito, porque o paiz está no campo e não quer saber de semelhante coisa. Os actos do governo importam-lhe pouco. Cada qual governa-se.

A opinião publica foi tomar ares. Anda aspirando a viração subtil. Passeia e joga; porque a *roleta*, na presente quadra, tambem emigra.

E depois, restam ainda as praias, faltam ainda os banhos. Porque a opinião publica, realmente, precisa de uma limpeza.

Lisboa dorme, e faz muitissimo bem. Outro tanto vou eu fazer dentro em pouco, e creio firmemente que ninguem me levará a mal esta encantadora resolução. Dormir! sonhar! lá o dizia o Hamlet. E mais o Hamlet era tolo.

Para as cinquenta pessoas que estão e ficam na capital, sirva entretanto de linitivo a companhia lyrica que dentro em pouco vem assentar no Colyseu os seus arraiaes. Deus permitta que se assente bem, e que assim se deixe ficar até que os emigrados voltem e emquanto a dictadura *dure*, ainda mesmo que o sr. Mendonça e Costa não goste d'isto.

Com boa musica tudo se supporta. Tudo, menos uma chronica.

A companhia do Colyseu vem precedida de bom reclamo. Falla-se vagamente em mulheres deliciosas; monstros, bem entendido.

O baixo ouço dizer que é extraordinario, que é o mais baixo que ha.

O tenor, o tenor dizem que é bom rapaz.

O resto da companhia compõe-se de pagens, alabar-deiros, mulheres do povo, etc.

Estreiam-se amanhã, com o que cinquenta pessoas rejubilam, visto que no Colyseu ha logares de dois tostões, limite maximo da quantia de que pode dispor um lisboeta honesto, que a 23 de julho não está ainda em Cintra.

Abençoada companhia! Lá irei cumprimental-a, o que não quer dizer que eu tenha dois tostões. Mas tenho muito mais de dois conhecimentos, o que é ainda melhor.

Boa noite.

JOAQUIM LIMA

CANÇÃO

Fui alegre; e hoje apenas
Tenho a noite no meu peito...
Se sou doido por morenas...
Foste o auctor das minhas penas,
Corpo moreno e perfeito.

Os teus olhos de velludo
São dois astros n'esse abysmo
Da noite escura; comtudo
Fiz-me asirologo; e hoje é tudo
Em que medito e em que scismo.

Em theatros e em toiradas,
Quem ha que ao vel-a não peque?!
Ao ouvir-lhe, apaixonadas,
Ternas phrases suspiradas
No arfar nervoso do leque!

Quando a viva serenata,
Se ha poeta que se afoite,
Solta a pura voz de prata,
Como a ondina da ballata,
Entre os silencios éa noite,

E surprehende e alaga
D'amor os peitos inquietos,
Emquanto a canção divaga,
Ella dorme sobre a vaga
Dos longos cabellos pretos.

Para alcançar os carinhos
D'aquelles labios vermelhos,
Daria o rei os arminhos,
O fidalgo os pergaminhos,
E S. Paulo os evangelhos.

E eu, por montes e por brejos,
Iria cantar seus hymnos;
Seriam a musica os beijos:
Abrem-se ao vel-a os desejos
Como catos purpurinos.

Mas a fada de Sevilha,
Que traça insidias e enredos
Entre as pregas da mantilha,
E cujo negro olhar brilha
De paixão e de segredos,

Altiva, como hespanhola,
Lança o olhar ás vosas dores,
Como se desse uma esmola...
As canções d'esta viola
Conhecem os seus rigores.

A CAMPANHA DO TONKIN

I

Agora, que as tropas do Tonkin entram em Paris no meio das ovações do povo, que sente a necessidade de fingir que a França obteve uma victoria n'essa desgraçada campanha do Oriente, em que os soldados e marinheiros francezes deram mais uma prova do seu incontestavel valor, mas que foi incontestavelmente para a França apenas um quarto de triumpho, comprado pelo preço que custaria a Napoleão I a entrada triumphal em quatro capitães da Europa, não nos parece inutil dar aos leitores da *Illustração Portuguesa* uma rapida noticia do que foi essa guerra, que dura ha tres annos, e que ficou sendo para o ministerio Ferry como que um eterno estygra e uma eterna condemnação.

Pomos de parte a historia das origens da guerra, porque apenas queremos fazer a narrativa militar. Assim, encontramos o inicio da guerra no dia 19 de maio de 1883.

Os Francezes estavam no Tonkin, obtido em virtude de negociações, mas contestado pela China, que tomava uma attitude meio ameaçadora. Um bando de insurgentes meio piratas, meio guerrilheiros, os Pavilhões Negros, tornava aos Francezes difficil a persistencia no territorio occupado. No dia que dissemos—19 de maio de 1883—o capitão de mar e guerra, Henrique Rivière, official distincto e romancista delicado, que publicára na *Revista dos dois mundos* algumas encantadoras novellas, era morto ás portas de Hanoi pelos Pavilhões Negros, que obrigavam a pequena columna por elle commandada a retirar sobre a cidadella, deixando nas suas mãos mortos e feridos. O Tonkin estava desde logo em plena insurreição, e as guarnições francezas de Hanoi, Nam-Dinh e Hai-Phong achavam-se n'uma situação bastante critica.

A noticia da morte de Henrique Rivière echoou por toda a parte, produzindo a mais deploravel impressão. A morte de qualquer official seria considerada como um attentado de que a França precisaria de tirar immediata vingança; mas o facto de ser esse official H. Rivière, o fino e conhecido escriptor, tornava a impressão mais profunda. O general Bouet, governador da Cochinchina, recebia ordem para entrar immediatamente em acção, e annunciava-se-lhe que iam reforços de França e que não tardaria a entrar em campanha o almirante Courbet com a sua esquadra.

O general Bouet mandou immediatamente 800 homens para o theatro dos acontecimentos e, apenas recebeu 1:500 homens de infantaria e de artilharia de marinha vindos de França, achando-se com 3:500 homens á sua disposição, tratou de organizar uma columna que fizesse levantar o bloqueio de Hanoi; ao mesmo tempo, o almirante Courbet rompia as hostilidades por mar contra o imperador do Annam, verdadeiro responsavel por todos estes acontecimentos.

Effectivamente fôra o governo annamita que fizera á França a concessão do Tonkin, a China não se mostrava hostil senão por considerar a Cochinchina ou o Annam debaixo da sua vassalagem, e em circumstancias portanto de não poder ceder uma porção de territorio sem o seu consentimento. A França entendia que o Annam tinha obrigação plenissima de fazer boa a sua concessão.

Por isso, enquanto o general Bouet atacava a 15 de agosto os entrincheiramentos dos Pavilhões Negros em Yong, ataque um pouco infructifero, o almirante Courbet tomava a 20 de agosto as fortificações de Thuan-An e impunha ao imperador Tu-Duc a 25 de agosto o tratado de Hué.

Mas os Pavilhões Negros eram gente de outra casta, e por isso, só depois de dois terriveis combates a 1 e a 2 de setembro, é que os Pavilhões Negros foram arrojados para além do Day, depois de uma resistencia intrepida.

O general Bouet estava porem longe de ter attingido o seu objectivo, que era o de enxotar os Pavilhões Negros para a fronteira chinesa.

Por isso os combates de Yong (15 de agosto) e de Phuong (1 e 2 de setembro) foram considerados em França verdadeiros desastres. Bouet foi chamado á Europa, a direcção das operações tanto de terra como de mar foi entregue ao almirante Courbet, e prepararam-se a toda a pressa reforços para serem enviados ao Tonkin. A infantaria de marinha já não tinha disponiveis senão dois batalhões, que marcharam, e o exercito de terra foi incumbido de fornecer o resto. Foi o 19.º corpo de exercito que deu os elementos. Compoz-se um regimento de marinha com dois batalhões de atiradores argelinos e um da legião estrangeira. Foram estas as tropas que partiram de França logo nos primeiros dias de setembro, e que o almirante Courbet, que tomara o commando supremo depois de uma breve interinidade do coronel Bichat, ratou immediatamente de adestrar e de organizar. A experiencia

déra aos generaes francezes as suas severas lições. O almirante Courbet não saio dos abrigos de Hanoi senão depois de ter todos os seus reforços concentrados, depois de os ter adestrado e aguerrido com marchas e reconhecimentos, e depois de ter preparado os meios de transporte necessarios para fazer campanha n'um paiz sem estradas e sem recursos.

N'estes preparativos gastou setembro, outubro, novembro e os primeiros dias de dezembro; era a prova de que se reconheceria que os Pavilhões Negros eram inimigos com os quaes era necessaria muita cautella.

A 11 de dezembro de 1883 a columna expedicionaria marchou, na força de 5:600 homens, sobre Sontay, quartel-general de Luh-Vinh-Pruc, chefe dos Pavilhões Negros. A 14 de setembro o almirante lançava os seus intrepidos batalhões sobre os entrincheiramentos exteriores de Sontay, e a *furia franceza* esmagava a resistencia fanatica dos salteadores orientaes. Os entrincheiramentos eram tomados, mas á custa de perdas consideraveis, 68 mortos e 269 feridos. No dia 15 descançou-se, no dia 16 deu-se o assalto á cidadella.

Rivalisaram em bravura os marinheiros e os *turcos*, aquelles *turcos* legendarios de Weissemburgo. Os legionarios estrangeiros competiam em audacia com os soldados de infantaria de marinha, e os atiradores annamitas procuravam imital-os. Quinze mortos e setenta feridos eram o preço da victoria. A pequena columna expedicionaria fôra perfeitamente dizimada, mas Sontay estava em poder dos Francezes.

O Tonkin estava sendo perfeitamente para a republica o que o Mexico fôra para o imperio.

As participações e os telegrammas não deixavam duvidas ao governo francez sobre a necessidade de lançar forças importantes sobre o Tonkin, se queria devéras pôr termo áquella guerra que ameaçava ser medonha. Preparou-se em França uma expedição consideravel relativamente. Formou-se um regimento de voluntarios com um batalhão de 11, outro de 23 e outro de 143 de linha, aggregou-se-lhe um batalhão de atiradores argelinos, outro da legião estrangeira, outro de tropas da Africa, levou-se assim o exercito de operações ao algarismo de 16:000 homens em que entravam 470 officiaes, e collocou-se toda esta força debaixo das ordens do general Millot, que a devia dividir em duas brigadas, para as quaes já levava commandantes—o general de brigada Brière de l'Isle e o general de brigada Negrier.

Esta força partio de França no principio de janeiro de 1884; a 12 de fevereiro o general Millot assumia o commando, que lhe era entregue pelo almirante Courbet, retirando-se este logo em seguida para bordo do *Bayard*, mas deixando-lhe as companhias de desembarque dos differentes navios da sua esquadra.

Apezar da tomada de Sontay, os Pavilhões Negros, sustentados ja por tropas regulares chinezas, estavam ainda em territorio annamita. Consumio-se quasi um mez em novos preparativos, e a 7 de março partio o general Millot para a sua expedição. A primeira brigada, commandada por Brière de l'Isle marchava pela margem sul do canal dos Rapidos para tomar os entrincheiramentos dos regulares chinezes; a segunda, commandada pelo general Negrier, operava sobre o Song-Cau para atacar directamente Bac-Ninh.

Foi esta segunda a que obteve mais rapida victoria. O seu intrepido general lançára-a com tal vigor sobre o inimigo, que estava já senhor de Bac-Ninh quando Brière de l'Isle começava ainda a desenvolver tranquillamente as suas columnas diante dos entrincheiramentos chinezes. E' claro que esses entrincheiramentos foram logo abandonados, apenas se soube da queda de Bac-Ninh. A victoria fôra verdadeiramente completa; e d'esta vez sem grandes sacrificios.

Proseguindo na sua marcha triumphal, o general Millot tomou Hong-Hoa quasi sem resistencia. O inimigo estava finalmente desmoralisado... por algum tempo.

Usando da sua manha asiatica, a China, que entrara na lucta, por assim dizer, sem declaração de guerra, apressou-se a pedir a paz. Entabularam-se negociações entre Li-Hung-Chang, o plenipotenciario chinez e o major Fournier representante do governo da republica franceza, e a 11 de maio de 1884 assignou-se o primeiro tratado de Tien-Tsin, pelo qual a China abandonava todas as suas pretenções a intervir na questão tonkineza.

Estava terminada a primeira phase da guerra, que durára um anno certo. O que lucrara a França? Fizera despezas loucas para organizar fortes expedições, perdera um grande numero de soldados e de marinheiros, uns dizimados pelo fogo do inimigo, outros pelas doencas d'aquelle paiz insalubre, e trouxera para França esta preciosa conquista:—a cholera morbus. A terrivel epidemia, que devastou Marselha e Toulon em 1884, foi a recompensa d'essa tentativa de expansão colonial empreendida pela França.

No espaço de um anno tivera a expedição franceza quatro commandantes: Bouet, Bichat, Courbet e Millot. Devia ainda fazer um grande consumo de generaes em chefe, como o devia fazer tambem de soldados e de dinheiro, porque o tratado de Tien-Tsin fôra apenas um ponto e virgula, e a segunda phase mais terrivel da campanha ia começar agora.

ESTUDOS LITTERARIOS

Judith Gautier

Pertence á constellação das escriptoras francezas, que fazem seu harmonioso gyro rotatorio longe do circulo vicioso onde se arrastam as *bas bleues*, esta romancista, quasi totalmente descohecida em Portugal.

Judith Gautier é filha de Theophilo Gautier, um dos primeiros, senão o primeiro estylista da França.

A sua maravilhosa belleza, que é como que a imagem tangivel do seu talento subtil e profundo; os dotes phisicos que raras vezes se alliam aos dotes intellectuaes, formando como que uma aureola em torno d'essa cabeça que parece arrancada ao baixo relevo de um templo atheniense, impressionaram Victor Hugo.

O poeta das *Odes e balladas* desfolhou aos pés de Judith Gautier, como um precioso ramo de edelweiss, colhidas nas inacessiveis gargantas dos Alpes, os 14 admiraveis versos do primeiro e unico soneto que Victor Hugo compoz na sua vida.

Judith Gautier herdou do seu pae a formosura esculptural, que fazia ao poeta dos *Emaux et Camées* uma soberba cabeça de Atila civilizado, (assombro da sua geração), o *sacrum numen* do estro, a sciencia impecavel da forma, a lucidez na analyse, a sagacidade critica e o brilho do periodo, scintillando por todas as suas innumeradas facetas como um bello rubi cravado em um fino engaste de oiro.

O nome de Theophilo Gautier era ao mesmo tempo um legado glorioso e um perigo terrivel.

Cada um dos livros d'esse maravilhoso artista, d'esse genial poeta que fez brotar do arido rochedo da prosa todas as limpidas caudaes da inspiração, todas as efflorescencias da estrophe, toda a suave e flexivel cadencia do rythmo, constituia uma obra prima, um modelo da arte de escrever, inimitavel na sua belleza peregrina, como a obra estranha do genio.

E' curioso saber-se como esse grande domador da palavra, que logrou prostrar aos seus pés, humilde e domesticada, a feroz panthera indomavel que se chama Forma, julgava a vida litteraria.

No prologo das *Fleurs du mal* de Baudelaire, Gautier escreve:

«A carreira das letras! O escriptor pôde considerar-se como que sequestrado do numero dos humanos: a acção suspende-se-lhe; não vive, é o espectador da vida. Todas as sensações são para elle pretextos d'analyse. Involuntariamente, duplica-se e á falta de melhor assumpto, torna-se espião de si mesmo. Se não se lhe depara um cadaver qualquer, onde possa saciar a sua ardente curiosidade de anatomista, estende-se na lousa de marmore negro, e por um prodigio frequente em litteratura, crava o escalpello no seu proprio coração.»

Judith Gautier aceitou heroicamente a sublime e esmagadora herança de glorias que lhe transmittira seu pae.

E um dia, a França viu levantar-se das paginas de tres livros, já hoje célebres: *Dragon impériale*, *Usurpateur* e *Iskender*, uma prestigiosa musa, que trazia na frente, como um crescente de luz, este nome **Gautier**.

O ultimo dos seus livros, aquelle que mais a identifica com Esse que a deixou na terra para lhe cubrir de rosas o caminho por onde elle subiu á immortalidade, é o *Iskender, histoire persane*, um estranho romance, opulento de colorido, cuja acção, como a da *Salambó* de Flaubert, se passa no paiz do sol, no Oriente das aureas ficções divinizadas nos *Ramayanas* e na *Illiada*.

Theodoro de Banville, o poeta das rimas de oiro que resoam sempre, com o seu claro som musical, no verso e na prosa d'este escriptor, dedicou ao *Iskender* uma admiravel pagina de critica bibliographica.

Arrancar-lhe-hemos alguns excerpts, onde se desenha a linha suave e harmoniosa do perfil d'esta escriptora de raça, cujo talento, como uma flôr rara plantada em uma urna de crystal, no resguardo melindroso da estufa, evola o seu aroma de longe, occulta, esquiva, deliciando o olfacto dos delicados, mas retrahindo-se ao brutal contacto dos curiosos.

Judith Gautier subtrae-se, quanto pôde, á pressão d'essa taieita espionagem exercida por toda a gente contra aquellas que um dia abandonaram o seu coração, a sua vida, os mais intimos segredos da sua alma á Publicidade, como uma creança indefeza, atirando-se ás garras de uma leoa faminta.

Extasia to perante essa delicada obra d'arte, onde Judith Gautier conquistou o direito de chamar-se, litterariamente, filha, herdeira e continuadora da imperecivel gloria de seu pae, Theodoro de Banville escreve:

Que immensa alegria me causou a leitura do livro de madame Judith Gautier: *Iskender!* Que supremo jubilo, podermos fugir ao positivismo, ao enfado, ás ridiculas tragedias da vida quotidiana, para um mundo de encantos, d'amor, de bravura, onde os combates são radiosas festas, onde as princezas são bellas

como astros, onde os soldados sabem morrer pelos seus reis e os reis combater ao lado dos soldados, vencendo a natureza e triumphando dos seus proprios desejos. Antes de Flaubert, foi o grande, o impecavel Theophilo Gautier o primeiro que creou em França essés grandes romances ethnicos, inspirados na historia e na legenda, reconstituindo, por intuição propria, as extinctas civilisações, as unicas que poderão perpetuar o poema epico...

Ah! que profundo attractivo o d'este *Iskender!* Em nenhum poema, em nenhum romance, em nenhuma historia conheço belleza comparavel á da viagem em liteira da princeza Indumati, apaixonada por Rustem e protegida por esse invencivel, que se retrae ao seu olhar e não ousa levantar os olhos para ella. E gosando as delicias d'este livro, que embriaga e consola, regosijome que elle tenha sido escripto por uma mulher; o genio adapta-se tanto á Mulher como o deslumbramento dos diamantes e das flores; em nenhum outro logar a Lyra figura tão bem como encostada ao seu peito sagrado.

Iskender, diz a nota I do livro de madame Judith Gautier, é a historia de Alexandre o Grande, feita em vista das tradições e legendas colhidas pelos autores persas, sobresaindo entre estes Ferdouci, autor do *Schah Nameh* (Livro dos reis).—Este poema, composto a convite de Mahmoud o Gaznévide, cuja composição obsorveu trinta annos de trabalho, contendo cento e vinte mil versos, todos sublimes, valeu ao author, em vez das recompensas promettidas pelo soberano, a pobreza e o exilio. Henri Heine refere-nos como foi que o rei se arrependeu, mais tarde, tão tarde, que na occasião em que entrava pela porta de Thous o cortejo real, trazendo os presentes offerecidos ao poeta do *Schah Namen*, saia um cortejo funebre, conduzindo o cadaver do infeliz Ferdouci.

Os livros de madame Judith Gautier, conclue Theodoro de Banville, assimillham-se aos de Theophilo Gautier, com quanto a autora do *Dragon Impérial* e do *Usurpateur* não imite seu pae, nem tenha necessidade de imital-o, sendo sua igual. Ella possui os mesmos dotes do poeta dos *Emaux et Camées*: a belleza olympica, a alma poetica e todos os esplendores da imaginação e do espirito. A mesma intuição, a mesma pureza de processo, a mesma magnificencia e arrojio de estylo, unidos a uma nitidez pasmosa: o mesmo singular poder de animar as creaturas e invocar os mais encantadores espectaculos do mundo visivel e invisivel. Na França, que tem tido mulheres de tão extraordinario talento, é minha opinião que nenhuma foi superior á authora do *Iskender*. Para assignalar o valor dos seus livros, bastar-lhe-hia a perfeição do estylo e a correcção grammatical. Mas além d'essas qualidades, possuem elles muitas outras; em resumo, possuem todas!

E entretanto, é de suppor que não se encontre em Portugal uma duzia de pessoas que tenham lido o *Iskender*, a obra prima da escriptora que Theodoro de Banville, o grande amigo de Victor Hugo, considera ao nivel de George Sand!

GUIOMAR TORREZÃO.

O CERRO DE LAS CAMPANAS

Circulou ha dias por todos os jornaes de Madrid esta simples noticia:—«O governo hespanhol concedeu cartas de naturalisação á esposa do general Bazaine e a seu filho, Francisco Bazaine de la Peña.

O singelissimo *suelto* publicado pelas folhas madrilenas evocou em nós muitas recordações, e, espontaneamente, veio-nos com elle á memoria alguma cousa mais que o desastre da França em 1870: o desastre do Mexico, prologo de Sédan.

Dizia Campoamor que, de todo o *Anno terrivel* dos francezes, só ficaram duas individualidades verdadeiramente poeticas: a imperatriz Eugenia, com a lenda do seu casamento e a sua fugida das Tulherias, e a marechala Bazaine, a gentil mexicana, preparando com animo varonil a fuga do esposo prisioneiro.

Do imperio mexicano poderia dizer-se quasi o mesmo. O que ficou d'elle? Nada... Um rastro de sangue, e depois o esquecimento. Só resta de pé, sublime e poetica, a desventurada imperatriz Carlota.

Tudo isto é d'uma granda oportunidade perante o livro que em Paris está escrevendo a esposa do general Miramon—livro de que se conhecem alguns fragmentos ineditos.

N'esse curioso volume falla-se das empresas de Bazaine, da marechala, da imperatriz Eugenia, da sangrenta e terrivel tragedia do Mexico, e dão-se, d'esta ultima, promenores interessantissimos, como devem de ser os que veem da observação, sempre fina, d'uma mulher, e como é forçoso que sejam, sendo essa mulher a esposa do grande martyr fusilado com Mejia ao lado do Maximiliano.



AS CRIANÇAS

*
De todos os capitulos do livro ainda em preparo, nenhum tem tão extraordinario relevo como o que se refere ao fuzilamento de Maximiliano e dos seus valorosos generaes Miramon e Mejia.

*
... «Os prisioneiros—escreve a triste historiadora—fôram encerrados no convento das Capuchinhas, edificio pesado e solidamente construido, como todos os conventos de Hespanha.

No primeiro pavimento havia tres cellas; tinham ainda os nomes que lhes fôram dados pelas irmãs capuchinhas. A primeira chamava-se «das onze mil virgens,» e foi occupada por Mejia; a segunda, *Santa Rosa*, coube a Miramon, e a terceira, *Santa Theresa*, mais espaçosa que as outras, ao Imperador.

A austeridade do claustro revelava-se ainda n'aquellas cellas destinadas a servirem de carcere. A decoração das paredes não podia ser mais simples:—uma camada de cal; a mobilia não podia ser mais modesta: um catre, duas ou tres cadeiras, uma mesa e um lavatorio.

... Seriam oito horas da noite quando o Imperador principiou a jantar, assentado na borda da cama. Sobre a mesa de pinho, um candelabro cheio de vellas illuminava fortemente a prisão. A figura de Maximiliano destacava-se d'este simples quadro d'um modo estranho. Ao lado do Imperador estavam assentados, guardando um profundo silencio, o general Miramon e sua esposa.

Miramon pegou na mão d'esta e levou-a aos labios... O Imperador voltou de repente a cabeça e fitou os dois esposos com tristeza. Depois vio-se-lhe brincar nos olhos uma lagrima.

Supposeram Miramon e sua mulher que fossem saudades da Imperatriz.

—Não—disse Maximiliano; é que eu devo-lhes muito, e soffro pensando em que sou a causa da sua eterna separação.

—Se eu tivesse escutado os conselhos de minha mulher—respondeu Miramon, suspirando—por certo que não estaria agora aqui.

—Pois eu—tornou Maximiliano—encontre-me n'este lugar por ter seguido os conselhos da minha!

... Em 16 de junho, era meio dia, almoçavam os prisioneiros, quando fôram notificar-lhes que o indulto pedido por varias pessoas notaveis, havia sido negado, e que, portanto, teriam de ser fuzilados ás tres horas da tarde d'aquelle mesmo dia.

Miramon protestou contra o facto de lhe fazerem esta notificação diante de sua esposa e d'uma outra senhora que se achava na cella. D'ali a um instante, porém, estava sereno, e despedia-se das duas senhoras, encarregando-as de o fazerem enterrar no cemiterio de S. Fernando, no Mexico, ao lado do tumulo de seu pae.

... Miramon escreveu muitas cartas n'aquelle dia, dizendo n'uma d'ellas:

—«Vou morrer ás 3 horas da tarde de hoje, 16 de junho de 1867, se bem que nem uma unica prova apresentassem da traição que me foi lançada em rosto... Era preciso que eu fosse sacrificado, e condemnam-me, eis tudo... tinha de ser...»

Os condemnados vestiram-se de preto. Só Mejia levava á cinta a sua banda de general. Sahiram os tres das suas cellas ao mesmo tempo, e esperaram no estreito corredor a ordem de marchar para a morte.

*
Soaram tres horas.

Toda a tropa estava em armas, aguardando as ordens do Quartel general, que não vinham.

O tempo deslisava lentamente em tão terrivel espera.

Ouviram-se as tres e meia... Nada. Faltavam poucos minutos para as quatro, quando um ajudante do general Escobedo appareceu emfim.

Levava ordem para que se suspendesse a execução durante tres dias.

A esposa do general Miramon estava em casa, esperando o cadaver de seu marido. As horas passavam lentas, angustiosas. De repente entraram algumas pessoas amigas na habitação da atribulada senhora. Iam dar-lhe noticia do adiamento ordenado por Juarez.

Concha de Miramon voltou para junto do general; mas este, querendo evitar novas angustias, pediu-lhe que fosse a S. Luiz de Potosi, onde estava Juarez, e solicitasse d'elle o indulto, por isso que, moralmente já havia soffrido a morte.

A d-solada senhora oppoz-se a principio, porque, na viagem, se gastavam tres dias, e a resposta, embora fosse satisfatoria, chegaria já tarde. No entanto, como o Imperador insistisse, a esposa de Miramon partio em 17 de junho para S. Luiz de Potosi, onde encontrou o apoio de varias pessoas importantes, e entre ellas o dos ministros da Austria e da Prussia. As suas supplicas fôram taes que, por momentos, Juarez vacillou. Veio, porém, Lerdo de Tejada, o ministro dos negocios estrangeiros, e disse:

—Sr. Presidente, a paz da Republica ou se consolida hoje, ou não se consolidará nunca.

As vacillações de Juarez desfizeram-se logo.

O Imperador—escreve a historiadora—era o Imperio. O ge-

neral Miramon era joven, audacioso e, indubitavelmente, a primeira espada de Maximiliano. O general Mejia, de pura raça india, era um soldado valente, que gozava de extraordinaria popularidade entre os indios de Sierra-Madre.

Tornava-se, pois, necessario que estes tres homens desapparecessem.

Firme na sua resolução, Juarez fixa o fusilamento de todos elles para o dia 19.

*
Na vespera da execução, o coronel Palacio, encarregado da guarda dos prisioneiros, entra na cella de Miramon, que lhe pergunta:

—E, então, coronel? que local escolheram para nos fusilar?

—Não sei, general.

—Creio que foi escolhido o *Cerro de las Campanas*.

—E' possivel, murmurou o coronel.

—Tanto melhor, é um ponto bastante alto.

Miramon esteve de vela até á meia noite. A esta hora appareceu na prisão um irmão da narradora, levando-lhe um telegramma que dizia:—«Está tudo perdido. Ver-nos-hemos no ceu! *Concha de Miramon.*»

O general amarrotou o papel entre os dedos, exclamando:

—Só levo saudades da vida por causa d'esta mulher!

E dirigindo-se a seu cunhado, acrescentou:

—Amanhã não deixes de estar no *Cerro de las Campanas*, com todas as pessoas da nossa familia, que me prometteram assistir. Leva um panno para envolveres o meu cadaver; não quero que elle seja alvo da curiosidade publica.

Depois d'isto, o general dormiu tres horas. Ao despertar, tomou chocolate e vestiu-se. Quando sahia da casa de jantar, acompanhado pelo padre Guevara, encontrou o Imperador, que se despedia do licenciado Ortega.

O sol erguia-se no horisonte e despertava com os seus raios os encantos paradisiacos do valle de Querétaro.

—Que formosissimo dia! exclamou Maximiliano. Era um dia como este que eu desejei sempre para morrer...

Um ruido de clarins e tambores cortou-lhe a palavra. Maximiliano ficou um momento pensativo. Não comprehendendo bem o toque dos clarins, perguntou a Miramon:

—E' para a execução, Miguel?

—Não sei, meu senhor... E' a primeira vez que me fusilam. Esta resposta fel o sorrir.

*
Tinha soado a hora. Os condemnados subiram cada qual para uma carruagem, e atravessaram as ruas de Querétaro, em meio de uma multidão que se acotovelava na sua passagem, respeitosa e commovida. Os lenços agitavam-se, e de vez em quando chegava até elles o rumor de alguns gemidos.

Pouco antes das sete, chegaram ao *Cerro de las Campanas*, distante um kilometro da povoação; desceram das carruagens, encaminharam-se, a pé, até metade do *Cerro* e pararam proximo de um massico de cactos.

O general commandante das tropas, Garcia de León, mandou ler uma ordem do dia condemnando á morte todos os que tentassem oppôr-se á execução; e em seguida concedeu-se a palavra aos condemnados.

O sol brilhava já no alto do ceu, puro, radiando no azul profundo d'aquelles dilatados horisontes e banhando o valle com intensa luz. O *Cerro* destacava-se, escaldado e amarelento, enverdecido n'alguns pontos por varias plantas arboreas. Um quadrado de quatro mil homens circumdava-o com as suas linhas regulares e uniformes, fazendo scintillar as baionetas ao sol. Fóra do quadrado, a multidão apresentava um fundo de cores garridas. Para Oeste, estendia-se a fita larga e poeirenta da estrada de Celaya; as linhas das brancas soteas de Querétaro appareciam interrompidas pelas arvores e coroadas de uma infinidade de cupulas e de cruces; ao longe divisava-se a *silhouette* azulada das cordilheiras.

O commandante do pelotão executor aproximou-se de Maximiliano e pediu-lhe perdão pela ordem que ali ia ser cumprida.

O Imperador distribuiu pelos soldados varias onças de ouro com a sua effigie, e recommendou-lhes que lhe não apontassem á cabeça. Depois, abraçou os generaes Mejia e Miramon, e como este ultimo se tivesse collocado á sua direita, disse-lhe em alta voz:

—Os valentes devem ser respeitados pelos Monarchas até á morte. General, passe para o posto de honra.

Miramon collocou-se no centro.

Então, com voz firme e dirigindo-se á multidão, Maximiliano exclamou:

—Mexicanos! Os homens da minha raça e da minha origem nascem para fazer a felicidade dos povos, ou para ser martyres. Que o meu sangue corra até á ultima gotta, para a redempção d'este desgraçado paiz. Viva o Mexico!

Em seguida fallou Miramon, protestando contra o nome de traidor que lhe haviam lançado em rosto; e depois, o general Mejia, que levantou os olhos ao ceu, dizendo:



ABANDONADA!

—Mãe Santissima; roga a teu Filho que me perdoe, como eu perdôo aos que vão sacrificar-mel

Rompeu-se o fogo do pelotão; e por entre as espiraes de fumo, que lentamente se dissipavam, appareceu Maximiliano revolve-do-se no seu sangue e murmurando em puro castelhano, n'um gemido: *Hay Hombre!*...

O tiro de misericordia acabou-lhe com a vida.

NAUTILUS.

A MULATINHA

A familia tinha-a posto n'um collegio de Lisboa—um d'estes internatos que ahi se levantam como uma simples industria.

Recebera-se um dia, na ilha de S. Thomé, avultadas circulares do novo estabelecimento, que vinha de se fundar na metropole. N'aquelles escriptos, polvilhados d'uma linguagem pretençiosa e citações pedagogicas de auctores nunca folheados pelo industrial director do collegio, promettia-se, com facilidade incrível, tornar sylphide a mais bronca filha de roceiro; prodigio de linguistica, rival das musas, a mais inhabil filha d'Africa.

Caiu no laço Amaro Coutinho, senhor das mattas de uma parte importante da ilha, e agarrando o braço de uma filha, enviou-a para Lisboa, entregue aos cuidados da familia do secretario geral, em retirada para o reino.

Deu a pequena ilhõa entrada no collegio, com a recommendação expressa de ser tratada como uma rainha no tocante a passadio e commodidades.

Apologista de Spencer, admirador de todos os hygienistas e physiologistas modernos, ordenou o pae que a pequena tivesse todos os dias bifos ou outro alimento succulento ao almoço, lunch abundante, bastante roupa branca, vestidos largos e exercicios de gymnastica e dança. Collocando, como recommendação immediata, a assiduidade na cultura da musica e do desenho, por isso que o roceiro tencionava, assim que a filha completasse a sua educação, mandal-a ir para a ilha, para ser ali um digno ornamento do *high life*; e sabia que o clima, a transparencia do ar, o azulado dos rios, a envergadura das arvores colossaes, a magestade das noites de luar, a solidão das campinas, influem na imaginação do indigena e requerem uma educação especial, para se saber comprehender a linguagem muda da natureza, e não se morrer de tedio. E' preciso saber fallar com o arvoredado e com as estrellas na doce e poetica contemplação das almas tranquilladas, sentindo entrar a vida nos pulmões com a suavidade d'uma caricia.

Escusado será dizer que nenhuma d'estas prescripções do intelligente roceiro foi obedecida. A pequena recebeu no collegio uma educação alfacinha, como se tivesse por destino, como todas as outras, ir viver n'um quarto andar, acorrentado eternamente a um anemico amanuense, leitor assiduo de diarios politicos e curioso dramatico nas horas vagas. Não lhe se viu de nada pagar o dobro do estipulado.

O alvar director que, nunca em sua vida, desde o tempo de sacripanta do seminario, tinha passado da azeitona d'Elvas e do queijo saloio ao almoço, com chá ou café, poz as duas mãos ao céu, em acção d'espanto, quando leu a carta do Amaro Coutinho, ordenando bifos ao almoço.

—Uma creança, *porque o é*, não precisa de comida succulenta, disse elle, abridoado com o freio pedagogico do padre Ignacio.

A esposa d'este grandissimo bruto, orçando-lhe pela craveira hygienista, assentou as mãos nas ilhargas, n'um largo riso de parteira aposentada, quando viu atravez dos oculos, na carta de Amaro Coutinho, ordem expressa para a filha mudar de roupas brancas *todos os dias*.

—Todos os dias! Ora essa! Olha o porco! Julgará elle que a minha casa é alguma enxovia?—E voltando-se para a pequena:—A menina não tem precisão de mudar de roupa mais do que de 8 em 8 dias, quando vem a lavadeira. Ora não ha!... Todas as meninas, no meu collegio, assim fazem, e mais são brancas!

Esta allusão cruel era originada na côr da pelle da pequena, tostada pelo sol africano. Se bem que ella fosse de um moreno carregado, era simplesmente creoula.

A falta d'alcançe de vista da directora fez com que, d'ali em diante, as outras collegiaes tratassem de offender a filha do roceiro no seu amor proprio, chamando-lhe a *mulatinha*. Durante os primeiros tempos, foi uma troça monumental por causa da famosa roupa branca. Quando passavam junto da pequena, punham a mão no nariz e diziam:

—Ai que cheiro! Bem se vê que não mudou hoje de roupas brancas!...

E resoavam as gargalhadas, vibrantes, argentinas, como uma campainhada electrica.

A pobre creança, soffrendo os impetos de colera surda que lhe dava o seu temperamento sanguineo calava-se, mas *in petto*, jurava *vendetta*.

Tudo isto contribuia para a aborrecer no collegio. Os prazeres da sua idade não se casavam com os das suas companheiras. Tornou-se reservada e fria. Ella, a ardente filha d'Africa! O seu olhar, porém, desmentia o seu aspecto secco e inperitigado—despedia chammas.

Com o desenvolvimento do corpo e o arredondado das formas, a pelle distendendo-se aclarara, e ás faces, de um avelludado moreno muito picante, assomaram umas rosetas de um encanto inexprimivel, o que não impedia que lhe continuassem a chamar, a *mulatinha*. Pois se ella era d'Africa!

Comprehendendo que a unica maneira de se livrar da clausura collegial e da exploração vil dos directores, era completar rapidamente a sua educação, estudava com todo o ardor da sua imaginação viva e apaixonada, mormente porque n'isso encontrava uma distracção e um pretexto para repellir, n'uma insolencia selvagem de amor proprio ferido, toda a camaradagem com as outras.

Todos os compendios corriqueiros de instrucção elementar, todas as marcas do Justino, todas as notas de um cantor da Sé, todas as crayonadas de um ex-alumno da Casa Pia, ella dava já de côr e salteado; mas os esposos directores continuavam a afirmar ao pae, que ella pouco adiantava. O pobre homem, damnado com a *estupidez* da filha, ameaçava-a com o conserval-a eternamente no collegio.

Escusado será dizer que, as cartas clandestinas da pequena para o pae, contando-lhe toda a verdade, eram industriosamente interceptadas pelo pessoal do collegio e entregues ao director.

Persuadida a rapariga de que o pae não a queria mais ver, e tendo attingido já os quinze annos, idade em que uma menina em Africa se considera mulher para todos os effeitos, pensou pela primeira vez, seriamente, em emancipar-se. Mas como?

Com a entrada de um semestre, mudou-se para um palacete fronteiró ao collegio, certo titular que possuia carruagem. A' noite enquanto os amos estavam ausentes, o trintanario e o cocheiro reuniam nos seus quartos a fina flor dos trintanarios circumvisinhos; e tudo eram descantes e desafios á guitarra, acompanhados de libações copiosas. Era um ceo aberto de prazer e ditos de um realismo *hors ligne*.

Não se incomodaram os directores do collegio com tão inesperada visinhança, nem a casa acanhadissima, pelintra e barata, a trasbordar de creanças, permittiria estabelecer um cordão sanitario de janellas fechadas, contra as rajadas pouco classicas que saiam das cocheiras visinhas e penetravam pelas janellas abertas, indo infiltrar-se traiçoeiramente nos ouvidos das raparigas.

Era trivial, no meio do religioso silencio com que se escutava um explicador, cortar o ar uma praga maliciosa de cocheiro, fazendo estalar de riso toda a aula, com grave detrimento da disciplina e da moral.

Sobretudo, havia um trintanario, bonito rapaz, imberbe e bem apessoado, que era o *enfant gaté* de todas as meninas do collegio, fazendo-as chorar de riso, quando na sua voz assucarada descrevia perfidamente, em cantigas á guitarra, os typos comicos do director e da directora. Era de rebentar.

A mulatinha andava doida pelo rapaz. Era ella quem ria com mais vehemencia, mostrando os seus formosos dentes de marfim. E o finorio do trintanario, vaidoso da sua influencia no redil, cada vez carregava mais a mão.

Por ultimo, o director do collegio percebeu a historia e resolveu dirigir-se a casa do titular, a fazer queixa; mas com grande surpresa sua, quando um bello dia transpunha o portão nobre, viu-se repentinamente cercado pela criadagem e corrido a pontapés e cachações, com promessa de segunda dôse, se dissesse uma só palavra ao conde.

Fôra a mulatinha que prevenira o trintanario, e este os outros.

Estabeleceu-se então, uma solidariedade entre os dois cumplices. A mulatinha não queria tocar ao piano senão fados corridos, que eram acompanhados á guitarra, no predio fronteiro, pelo endiabrado trintanario. Este pagode divertia-a immenso.

Todo o pessoal do collegio estava indignado. O director e a directora, furiosos. As outras pequenas, como se tratasse de troça, faziam causa commum com a mulatinha, de quem admiravam por fim a soberba energia de character; e por uma lealdade propria de combatentes que se auxiliam, nunca mais lhe chamaram com desdem a *mulatinha*, mas sim, a menina Amelia.

O director, bem aconselhado, resolveu dizer ao roceiro que viesse buscar a filha quanto antes. Durante o tempo, porém, que decorreu no transito das cartas, o namoro do trintanario e da menina Amelia ia progredindo, chegando a attingir a temperatura da paixão, especialmente quando o rapaz soube que a pequena era filha de um homem riquissimo.

Chegou finalmente a resposta de S. Thomé. O director leu triumphante á mulatinha a ordem do roceiro para seguir para a

ilha com a primeira familia de funcionario publico que para ali embarcasse no primeiro paquete; e ella n'essa noite a fugir com o trintanario. Imagina-se facilmente o dia de juizo que foi no collegio, na manhã seguinte. Policia foi posta em campo. O director afflicto narrou o nefando caso para a ilha. O roceiro vociferando vingança, caiu como uma bomba em Lisboa, e sem ser membro da policia secreta, deu logo com o ninho.

A' vista da filha, tão gentil e tão meiga, vivendo n'uma casinha modesta e assejada; ao pôr os olhos no retrato d'elle, Amaro Coutinho, magnificamente desenhado e encaixilhado, pendendo do alto da parede; ao ver a figura sorridente, feliz e agradável do trintanario, sentiu desarmar-se, pelo amor de pae, toda a sua colera de tyranno, e abriu os braços, confundindo no mesmo amplexo os dois amantes, que elle se apressou a transformar em dois conjuges.

O director e a directora do collegio foram intencionalmente convidados pela mulatinha para o casamento, e iam quasi caindo com uma apoplexia, quando ouviram ler a escriptura ante-nupcial, pela qual o roceiro dotava a filha em duzentos contos de reis em bens de raiz. Mas o assombro d'elles, não teve limites, quando dias depois, leram nos diarios, que havia sido agraciado com a commenda de Christo o ex-trintanario—o ex.^{mo} sr. Pedro do Couto, como diziam reverentemente as gazetas.

O director e a sua cara metade correram logo a dar pessoalmente os parabens ao novo commendador. Ao som da campainha do portão abriu-se uma janella e assomou o rosto picante da propria mulatinha. Ao vel-a, os dois esposos desfizeram-se em cumprimentos, mas ella, sem lhes dar tempo de abrirem bico e com a maior seriedade d'este mundo, perguntou:

—O que querem?

Grande surpresa da parte dos dois esposos. E gaguejando:

—Nós vinhamos... dar... os parabens... a v. ex.^a ..

A mulatinha, com um sangue frio de verdadeira creoula, respondeu:

—Os srs. não estão em casa... Partiram hoje para Cintra, a passar a lua de mel...

E fechou-lhes a janella na cara.

Estava vingada de todas as humilhações soffridas no collegio.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O MARQUEZ DE SALISBURY

(Venceitor de Gladstone nas ultimas eleições inglezas)

Roberto Arthur Talbot Gascoigne Cecil, marquez de Salisbury, nasceu em Hatfield, em 1830, e fez os seus estudos na Universidade de Oxford.

Em 1853, entrou, pela primeira vez, na Camara dos communs, e em 1868 passou á Camara dos lords, depois de haver já sido nomeado secretario de Estado dos negocios da India e de ter herdado, por morte de seu pae, o titulo de marquez.

Successor de Disraely na chefatura do partido conservador, Salisbury não revelou nunca, nem no poder nem fóra d'elle, as condições de talento e de tacto politico, que tão eminente tornaram a individualidade d'aquelle grande estadista.

Com uma unica phrase, teve Salisbury, no seu ultimo governo, a desgraça de agravar profundamente o problema irlandez, que ora se debate, e que se apresenta cada vez mais intrincado, depois da derota de Gladstone.

«Na Irlanda—disse elle—deve fazer-se, durante vinte annos, pelo menos, uma politica de repressão implacavel.»

O adversario de Gladstone tratou de explicar, depois, a sua phrase infeliz, e as a explicação não satisfiz a ninguem.

O marquez de Salisbury é um homem de estatura avantajada, de hombros largos, e muito calvo. Nunca perde, nem por um só momento, a gravidade de estadista, e os negocios publicos constituem o seu prazer predilecto.

Nas horas que a politica lhe deixa vagas, entrega-se ao estudo pratico da chimica, como *aficionado*. O seu laboratorio do castello de Hatfield é um modelo no genero.

Salisbury acaba de ser chamado pela rainha Victoria para organisar novo gabinete.

Com a sua volta ao poder, ficará indefinidamente adiada a questão da Irlanda, começando para a Inglaterra uma nova era de perigos enormes, que terá talvez por prologo a guerra civil.

AS CREANÇAS

O quadro de que hoje damos uma cop'ia em gravura, é um dos primeiros de Rubens, e, por tal signal, formosissimo.

O trabalho do gravador, apesar de ser correcto e perfeito, não pôde, porém, dar conta exacta das bellezas do original, em que a carnação viva e delicada das tintas é um milagre de conservação.

A maior parte dos quadros de Rubens são allegoricos, como este, e as carnes virgens das suas creanças só teem rivaes nos anjos de Raphael e de Murillo.

ABANDONADA!

Se acreditarmos no que refere um periodico estrangeiro, aquelle formoso rosto de mulher, emmoldurado em fartos cabellos loiros, não é uma cabeça de phantasia, é um retrato.

Diz assim, pouco mais ou menos, o tal periodico:

O conde de Chernousky, diplomata russo, encontrou um dia, não sabemos em que aldeia da Polonia, uma rapariguinha judia, dotada com a mais linda voz que o fidalgo *dilettanti* ouvira até ali.

A sympathica rapariguinha, que entoava uma canção popular emquanto trabalhava, teve de interromper o canto e o trabalho para responder ás curiosas perguntas do conde.

Ainda bem não havia elucidado o seu interlocutor á cerca do que elle desejava saber, quando appareceu um israelita já encaecido, a quem o diplomatico tomou por pae da judiasita. O ancião, porém, declarou-lhe que a sua gentil correligionaria era orphã de pae e mãe. Esta circumstancia suggeriu ao diplomatico a luminosa idéa de convidar a rapariga a acompanhal-o, para fazer d'ella uma cantora distincta.

Apresentou as suas propostas e condições, e Joram—assim se chamava a rapariguinha—dando-se por feliz de merecer ao conde tamanha sympathia, acompanhou-o sem constrangimento algum, e com elle foi, passados dias, para Italia.

N'aquelle encantador paiz das artes, o protector de Joram entregou esta aos cuidados dos mestres de maior reputação, que fizeram d'ella, em pouco tempo, uma cantora consummada.

Já mulher, e mulher muito bonita, Joram Trouveni—appellido que ella accrescentou ao nome desde que deu entrada no theatro—cantou com applauso em S. Petersburgo e Milão.

Os seus successivos triumphos valeram-lhe obter escriptura para o theatro da opera de Berlim, cidade para onde o conde de Chernousky fóra nomeado, por essa occasião, ministro do imperio russo.

Joram Trouveni estreiou-se em Berlim, na parte de Titania, no *Sonho de uma noite de verão*, de Shakspeare, e tão prodigiosa foi a interpretação que deu áquelle famoso papel, que o publico berlinense a acolheu com a mais ruidosa e esplendida ovação.

A insigne cantora recolheu n'essa noite ao hotel com o coração trasbordando em alegria e felicidade; mas, ai d'ella! n'essa mesma noite um grande desgosto, uma tristissima nova esperava a dilecta do publico.

O fidalgo russo, pensando que não lhe ficava bem proseguir no papel que até ali representára de protector de uma *prima-donna*, e não vendo em Joram senão o brilhante de pura agua que encontrára e mandára pulir á sua custa, havia-lhe escripto uma carta dizendo que, visto ella ter alcançado tamanha nomeada no theatro e estar no caminho que devia conduzil-a a um futuro de gloria e de prosperidade, não precisava já d'elle, e por conseguinte a prevenia de que escusava de contar mais com a sua protecção.

Joram Trouveni, que já não precisava effectivamente do conde para continuar na sua carreira de triumphos, leu, comtudo, a inesperada missiva profundamente commovida, e, ao terminal-a, encostando o rosto ás mãos, exclamou com o mais vivo pezar:

—Abandonada!

A formosa judia amava o conde.

Verdadeira ou falsa esta narrativa, que justifica o titulo da tela do pintor Kramer, é certo que a physionomia attrahente da encantadora mulher n'ella representada, tem um vago sentimento de melancolia, que pode muito bem caber na protagonista de um romance de amor, como o que deixamos escripto.

Retrato ou não, semelhante ou desemeilhante ao original, a *Abandonada*, de Kramer, ha de ser sempre um quadro de merito, porque tem composição graciosa e expressão magnifica.

Aquelle rosto angelico de mulher possui o condão de nos attrair e de nos fazer scismar. Deseja-se ler na alma da gentil creaturinha o romance de ternura que annunciam os seus olhos meigos e rasgados, deseja-se vel-a descerrar os labios formosissimos para se lhe ouvir pronunciar uma palavra de affecto. E como nem uma coisa nem outra se consegue, quasi que ha pena de se haver travado conhecimento com ella.

Kramer fez, por conseguinte, alguma coisa mais do que um retrato.



H. TAYLOR.

VISTA DE PIETERMARITZBURG

VISTA DE PIETERMARITZBURG

Pietermaritzburg é a capital da colonia ingleza de Natal e tem uma população de 3.000 habitantes.

Como se vê da nossa gravura, Pietermaritzburg é uma cidade bonita e, sobre tudo, muito arborizada, o que lhe dá um aspecto encantador.

Serpa Pinto falla muito d'ella, no seu livro *Como eu atravessei a Africa*.

O HOSPITAL DE GORÉA

Goréa é uma ilha do oceano Atlantico, a 2 kilometros ao Sul de Cabo Verde e 167 ao Sul de S. Luiz, entre 14° 39' e 55" de latitude N. e 19° 46' de longitude O.

E' um rochedo esteril e muito escarpado, de 17 hectares de superficie.

A capital da ilha—Goréa—é o porto de deposito do commercio feito sobre a costa da Senegambia, em cera, coiros, gomma, amendoim, oiro em pó, etc. Tem uma população de mais de 6.000 habitantes.

Os hollandezes estabeleceram-se n'aquella ilha em 1617, mas cederam-n'a á França em 1678.

A nossa gravura representa o hospital de Goréa, edificio moderno e muito bem construido segundo os preceitos da sciencia.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

Bebe-se nos campos e nas cosinhas—1—2.
Aqui tem agua, aqui, no Rio de Janeiro.—1 - 2 - 1.

Braga. A. VIEGAS.

Na musica e na Quaresma é mentirosa—1 - 2.
Fôra do commum é raro—2—3.
O principiante, na musica, deleita e instrue—2—1.

MANUEL CUSTODIO RAMIRES.

Aqui, n'este animal, vae um homem—1—2.
Na igreja veste-se este animal—2—2.
Este sal aperta na escola—2—1.

Machico. JOÃO VICTORINO DOS SANTOS.

Na musica, acredita que ha passatempo—1—2.
Lá no alto observei que foi generosa esta cidade—2—1—1.

Perto. M. M. & M.

EM VERSO

Prima syllaba denota
Termo pouco conhecido,
Por signal;
Mas se elle fôr invertido,
De certo que encontra nota
Musical.—1

Como lego se afigura,
Serve de alimento ao gado,
Pôde crer;—2
Mas se um pouco mais procura,
Inda adverbio muito usado,
Ha de ver.—1

Não 'steja sobresaltado
Calculando-a indecifrável,
Não ha tal;
E' até muito provavel
O ser, no todo, encontrado
Vegetal.

MATHEUS JUNIOR.

No mesmo carro em que veio
a *Ilustração Portuguesa*,
de que viera um amigo
me deram toda a certeza.

A principio não quiz crer,
par'ceu-me coisa impossivel;
porém, quiz certificar-me
o mais depressa possivel. - 1

Cancei-me de procurar
o homem vindo da Thracia,
'té que enfim fui encontral-o
mettido n'uma pharmacia. - 3

E, passados alguns dias,
fomos para a capital,
de onde seguimos viagem
p'ra o norte de Portugal.—2

Achou encantos, belleza,
n'este pequeno cantinho,
nas galas que a natureza
infiltra aos campos do Minho.
E d'um tronco colossal,
que s'elevava gentil,
disse-me elle ser tal qual
uma arvore do Brazil.

Gandara—Leiria.

M. MONTEIRO JUNIOR.

EM QUADRO

(Dedicada ao Pequeno Antoninho)

. . . . E' tão cruel meu destino!
. . . . Porque te hei de eu adorar?
. . . . Porém, quero ser formosa,
. . . . Vês?! . . . Só me resta rezar!

Gaya.

MARGARIDA NORTON.

CHARADA MATHEMATICA

$8 \times 4 - 15 + 1 - 14 \times 2 + 4 - 9$ com um instrumento de trabalho, forma uma rede.

MATHEUS JUNIOR.

Logogriphos

(Per letras)

(Dedicado ao distincto charadista Xavier Rodrigão)

Na grammatica procuras?—6, 7, 9, 8, 10, 11, 10
O teu trabalho é baldado.
Se nas velhas sepulturas,—1, 5, 6, 4, 13

Fôres buscar, atilado,
Acharás um general—4, 2, 3, 1
Que foi valente, arrajado.

Se vires um mineral—2, 4, 11, 10, 9, 12
Parecendo uma gallinha,
E' de certo um animal.—9, 1, 11, 12

Mas eu direi cá na minha:
Se lhe chamares arbusto,—2, 10, 3, 1
Não pôde ter carapinha!

O conceito? . . . Vae a custo:
Não nascem no Paraty.
Mas indago, barafusto,

Vou encontral-os aqui.
Não fatigues a cabeça,
Estão bem perto de ti.

Porto.

M. M. & M.

Cidade da Europa—4, 12, 7, 11, 9, 10
Cidade da Europa—9, 9, 6, 8, 10, 10, 1
Cidade da Europa—6, 2, 10, 5, 3
Cidade da Europa—4, 6, 5, 7, 4, 12
Cidade da Europa—2, 4, 12, 7, 1, 9
Cidade da Europa—4, 10, 13, 4, 12, 5

Cidade da Europa

MATHEUS JUNIOR.

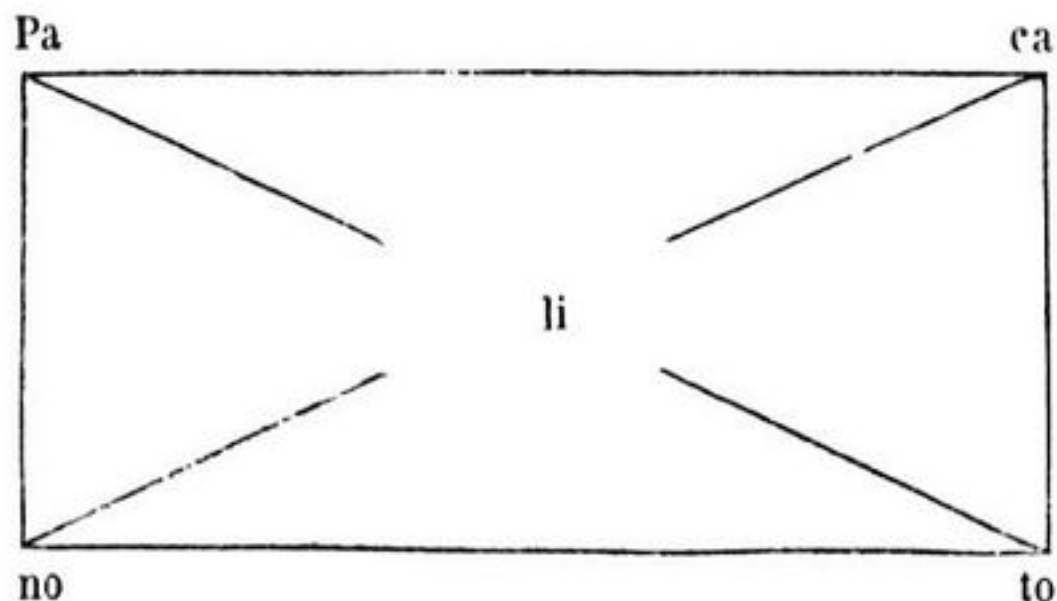
Problema

Um pescador pescou um peixe, cujo rabo pesava 2 kilos; a cabeça pesava tanto quanto o rabo e a metade do corpo, e o corpo tanto quanto a cabeça e o rabo. Pergunta-se quanto pesava o peixe?

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Peterra—Astrolabio—Ma famedo—Podão—Lagoa—Salsa—Soldado—Lampião.
DA CHARADA EM VERSO:—Busilis.



DOS LOGOGRIPOS:—Protógenes—Hebdomadariamente—Camelia.

DO ENIGMA:—A virtude é um estado de guerra, e para viver n'elle tem sempre de combater-se contra si mesmo, disse Rousseau.

A RIR

X... foi encontrado, por um dos seus intimos, na mais profunda melancholia. Nervoso, agitado e phrenetico, balbuciava ameaças e dava fortes murros nos moveis.

—Que tens tu, homem? perguntou-lhe o amigo. Qual é o motivo de tamanha irritação?

—Conheces Angela, não é verdade?

—Conheço. Uma creatura adoravel!...

—Pois bem. Atraçou-me!

—Devéras?

—Tenho as provas mais seguras d'isso. Não m'o pode negar.

—Então, que lhe has de fazer agora? Oh! as mulheres!

—Quem o havia de suppor! A esposa do meu melhor amigo!...

Entre mãe e filha:

—O' mamã, porque rasão os anjos são sempre rapazes e nunca raparigas?

A mãe, depois de reflectir alguns instantes:

—E' para evitar os escandalos no Paraiso.

UM CONSELHO POR SEMANA

CONTRA AS QUEIMADURAS

Péga-se n'um vaso qualquer, cheio d'agua, em cujo fundo haja uma dissolução de cal. Mergulha-se a parte queimada no liquido, e o allivio será immediato,
Garantimos a efficacia da receita.

RECORDAÇÕES HISTORICAS

Vesperas sicilianas

Estas duas palavras recordam, na historia dos tempos, uma catastrophe terrivel, mas gloriosa para o povo que ha seis seculos a levou a cabo.

Os sicilianos mostraram, no dia 31 de março de 1282, de triste recordação para os francezes, como é que os povos opprimidos sacodem o jugo da tyrannia que os degrada e opprime.

Foram causa remota d'este memoravel acontecimento os disturbios movidos pelas ambições das ultimas vergontas da casa de Suabia.

Sem nos fixarmos nos continuos e terriveis assassinios que, no principio das sociedades, se praticavam quasi sempre pela ambição, achamos em epocas mais recentes, embora muito afastadas, uma serie de crimes tão horrendos e monstruosos que a imaginação mais exaltada não póde architectar. João Semterra, depois de despojar do throno a seu irmão, emquanto este combatia valorosamente na Terra Santa, assassina e arroja ao Sena seu sobrinho Arthur, para lhe arrancar o ducado de Bretanha.

A imperatriz Irene, monstro da natureza, aborto do Averno, deshonra do doce nome de mãe, manda tirar os olhos a seu filho Constantino V, e faz com que elle morra de fome, para se apoderar do imperio do Oriente e unil-o, pelo seu casamento com Carlos Magno, ao poderoso imperio que este formára no Occidente.

Catharina II, a grande imperatriz da Russia, assassina vilmente seu esposo, para assumir sósinha o governo do imperio, e entregar-se com mais franqueza aos seus impudicos devaneios.

Seria interminavel a lista de successos analogos aos anteriores. Foi um semelhante, a causa remota das *Vesperas sicilianas*.

Acabava de morrer Frederico II de Allemanha, ficando pela sua morte bastante enfraquecida a auctoridade imperial nos Estados italianos. Dos tres filhos que deixou, Conrado, Henrique e Manfredo, o primeiro devia succeder-lhe na dominação dos referidos Estados; mas fallecendo poucos annos depois, deixou a posse de tão vastos territorios a seu filho Conradino, creança de tenra idade, innocente victima immolada nas aras de uma ambição desmarcada e phrenetica.

Como tutor, para velar pelos interesses do joven principe, como forte e poderosa egide que o preservasse dos profundos choques, aos quaes, pela sua inexperiencia e pouca idade, estava exposto, n'aquella epoca de sangrentas luctas e turbulentas paixões, ficou Manfredo, tio do desditoso Conradino. Apenas apagada da lembrança a morte de Conrado, Manfredo, desejoso de possuir de direito (se tal nome se pode dar ao seu acto de feroz egoismo) o que de facto possuia, pede auxilio aos sarracenos e destitue com elle a infeliz creança, por cuja segurança havia jurado velar, proclamando-se, em 1266, rei das duas Sicilias.

Não tinha de gosar por muito tempo os beneficios da sua vil usurpação.

Quando morreu Conrado, os Estados de Napoles e da Sicilia haviam sido declarados feudos da Santa Sé, pelo pontifice Innocencio IV, como prova da constante antipathia e tremenda rivalidade que existia entre aquellas grandes instituições da Edade Media, entre o papado e o imperio. Ao effectuar Manfredo o iniquo despojo de seu sobrinho, o pontifice Urbano IV, successor de Innocencio, valendo-se do pretexto da profanação que aquelle havia commettido, procurando o auxilio dos sarracenos para se apoderar de um reino christão, e para pôr em evidencia os seus pretendidos direitos, lança contra Manfredo os raios da excommunhão, que sempre fôrão essas as principaes armas com que os pontifices combateram, e offerce o reino a Carlos de Anjou, irmão de Luiz IX, rei de França, cognominado o santo.

Manfredo não se intimidou com as ameaças pontificias. Resolvido a defender os seus Estados a todo o transe e por todos os meios, reúne um forte exercito para se oppôr ao de Anjou, o qual, com outro não menos formidavel, corre ao seu encontro, depois de se haver coroado, em Roma, rei das duas Sicilias.

Anjou proclamou-se immediatamente soberano do reino e começou n'essa data para os desgraçados sicilianos aquelle terrivel periodo de brutal absolutismo, que valeu a Carlos o epitheto de *Tyranno das Duas Sicilias*.

Espoliações arbitrarías, prisões injustificadas, confiscações, tormentos, violações, todo o genero de crueldades e tyrannias pesaram então sobre aquelle infeliz povo, o qual, irritado por tanto soffrimento, se dispoz a succudir o seu pesadissimo jugo. Para esse fim, voltou os olhos para o joven e infortunado principe desthronado por Manfredo. Conradino voltou á Italia á frente de seis mil cavalleiros allemães, e atravessando a Toscana, entrou em Roma, que já havia sido abandonada pelo Papa, depois de haver lançado sobre o joven guerreiro as inflammadas iras da excommunhão.

Parecia que o desgraçado Conradino havia nascido sob o maligno influxo de uma fatal estrella, pois que, apenas o seu exercito se encontrou com o de Carlos em Tagliacozzo, foi completamente derrotado, cahindo elle proprio prisioneiro com os principaes cavalleiros que o acompanharam.

O desapiadado Carlos mandou-o enforcar immediatamente

na praça de Napoles, sem que o movessem á compaixão as desgraças e a pouca idade do mallogrado príncipe, que apenas contava dezeseis annos, extinguindo-se com a sua morte a casa de Suabia, que tantas glorias havia dado ao imperio germanico.

Começou então para os Sicilianos um periodo muito mais terrivel do que o passado, em odios e perseguições, e que os obrigou a unirem os seus esforços para sacudirem o jugo do seu feroz oppressor.

João de Procida, senhor da ilha d'este nome, perto da Sicilia, da qual havia sido despojado pelos partidarios de Anjou, fugindo ás perseguições de que era alvo por parte d'estes, buscou asylo no reino de Aragão, cujo monarcha, que tinha os seus projectos com respeito á Sicilia, por estar casado com uma filha de Manfred, o recebeu affectuosamente, dando-lhe terras para se sustentar.

Não foi perdida a residencia de Procida no reino de Aragão. Depois de combinar com o monarcha d'aquelle reino, Pedro III, os auxilios que devia prestar-lhe, partiu para Constantinopla, onde recebeu grandes recursos para levar a cabo a empreza que meditara.

O morticínio espalhou-se rapidamente por todas as cidades da Sicilia, e só cessou a vingança quando desapareceram totalmente os vestigios da odiosa dominação franceza.

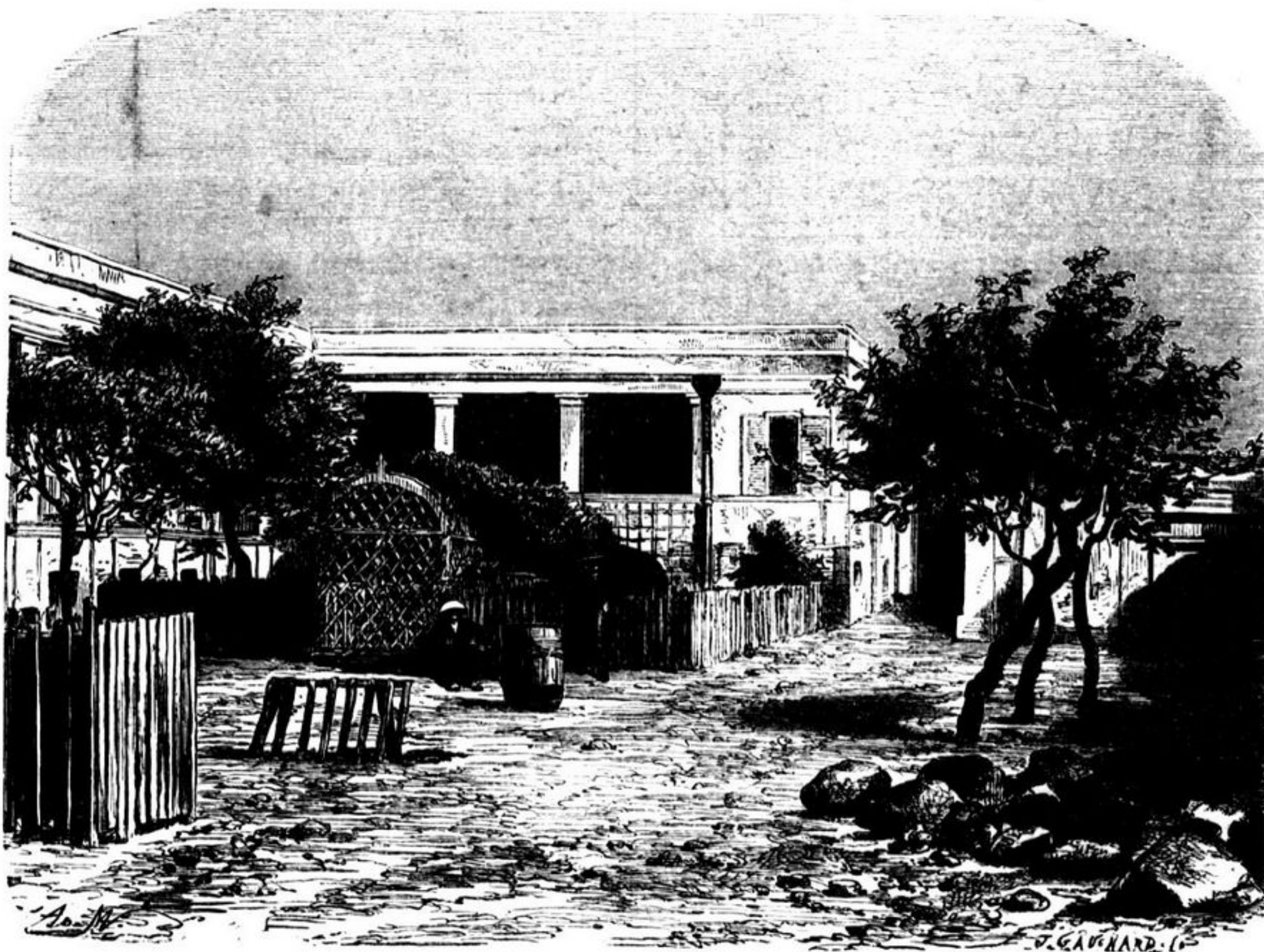
Avisado Pedro III de Aragão do succedido, dirigiu-se immediatamente á ilha, com uma forte armada preparada de antemão para esse fim, e tomou posse d'aquelles Estados, annexando-os á corôa aragoneza.

E' este o facto conhecido na historia com o nome de *Vesperas Sicilianas*.

Nunca povo algum tomou no mundo maior vingança de tão grande tyrannia.

Carlos de Anjou, desejoso de tirar cruenta desforra de tão horrido ultrage, desembarcou com um numeroso exercito e poz cerco a Messina, que fôra uma das cidades mais salientes na irritação contra os francezes, mas viu baldados todos os seus esforços.

Resolvida a povoação a resistir e preferindo morrer a entregar-se aos furores dos soldados de Anjou, obrigou estes a levantarem o cerco e a marcharem para Napoles, com a vergonha e o desespero de deixarem a ilha em poder dos aragonezes.



O HOSPITAL DE GORÉA

Voltou Procida á Sicilia, e taes artes teve para dispor os animos contra a dominação tyrannica de Carlos, que todos os sicilianos se disporam a derramar o seu sangue para se libertarem da oppressão franceza.

Faltava uma causa que servisse de pretexto immediato para o levantamento, e essa não se fez esperar. A primeira faisca do incendio que devia abrasar todos os francezes residentes na Sicilia, surgiu em Palermo.

Era a tarde do dia 31 de março de 1682, terceiro dia da Páscoa da Ressureição. Dirigiám-se os habitantes da cidade para a igreja, afim de assistirem ás vesperas que áquella hora se celebravam, quando um francez, chamado Drochetto, deteve ás portas do templo uma formosa siciliana, e com o pretexto de se certificar se ella levava armas occultas debaixo do vestido, apalpou-a, faltando ás regras do decoro e da honestidade.

Aos gritos de socorro dados pela mulher, accudiram pressurosos em sua defeza os sicilianos, e depois de arrancarem a vida ao atrevido aggressor, espalharam-se como uma torrente por toda a cidade, ao tremendo grito de «Morrám os francezes», degollando sem piedade todos quantos na sua passagem encontravam, sem distincção de sexo, idade ou condição.

Tal foi a sua furia, que em menos de duas horas cahiram sem vida 8.000 partidarios de Carlos de Anjou.

No mez seguinte, ambos os monarchos faziam grandes preparativos para ferirem uma tremenda batalha, e assim se decidir quem devia ficar de posse dos Estados a que os dois se julgavam com direito; mas n'essa occasião, um dos soberanos, o aragonez, segundo os historiadores francezes, e Anjou segundo os hespanhoes, propoz ao seu contrario que, para evitarem derramamento de sangue, era melhor pelejarem em duello singular, discutindo d'este modo os seus direitos á corôa da Sicilia.

A proposta foi aceite, marcando-se o dia 1 de junho para o combate na praça de Bordeus, então neutral, por se achar em poder de Eduardo, rei de Inglaterra; mas avisado o monarcha aragonez, pelo de Inglaterra, de um laço que tentava preparar-lhe o astuto de Anjou, chegou antes da hora aprazada ao lugar do duello, e deixando o seu elmo e a sua lança nas mãos de Eduardo, lavrou acta da sua presença no referido sitio, para que não lhe attribuissem covardia, e voltou para os seus Estados, ficando, apesar das ameaças de Carlos, senhor da ilha da Sicilia, e colhendo os fructos opimos da mais doce paz.

A. C.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica